

A PRODUÇÃO DE MONSTRUOSIDADES NORDESTINAS EM A HORA DA ESTRELA¹

Marlécio Maknamara²

Resumo: O Nordeste brasileiro tem sido inventado por diferentes demarcações discursivas, sendo que tal invenção não prescinde da constituição de tipos particulares de subjetividades. Este artigo objetiva analisar as potencialidades de uma obra literária sobre a criação de sujeitos nordestinos. O argumento é o de que a obra “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, concorre para a produção de subjetividades nordestinas monstruosas. Há, na referida obra, uma articulação da abjeção em torno do corpo, da performatividade de gênero e do (des)uso dos desejos e prazeres sexuais. Nesse sentido, o livro em questão termina por forjar uma monstra nordestina de corpo debilitado e repugnante, que assume uma feminilidade em constante negociação e vivencia sua sexualidade de forma a silenciá-la.

Palavras-chave: Gênero, nordestinidade, monstruosidades.

Abstract:The Brazilian Northeast has been maden by different discourses and this invention involves the constitution of particular types of subjectivities. This article aims at discussing the possibilities of creating northeastener subjects by a literary work. It argues that “A Hora da Estrela”, by Clarice Lispector, contributes to produce monstrous northeastener subjectivities. There is, in that literary composition, an articulation between abjection of the body, of gender performativity and of the use (or not) of desires and sexual pleasures. In this way, the text in analysis shapes a northeast monster with a decrepited and repugnant body, that assumes a feminility in permanent negotiation and that tastes sexuality in order to keep it in silence.

Keywords: Gender, nordestinity, monstrosities.

INTRODUÇÃO

“Sujos, repugnantes, maléficos”. “Sotaque que agride o ouvido humano”. “Honestos, amigos, humildes”. “Nordestino se julga superior aos demais seres humanos”. “Desgraçados”. “Vaidosos, invejosos, imbecis”. “Raça de porcos”. “Nordestino é preconceituoso”. “Ladrões, seqüestradores, estupradores”. “São pior que lixo e merda”. “Povo de cultura pobre e podre”. “Nordestinos são racistas”. “Só

¹ Texto modificado a partir do trabalho apresentado pelo mesmo autor em março de 2010, durante a programação do II Seminário Mulher, Gênero e Políticas Públicas. O trabalho, intitulado “O sexo da monstra: corpo, gênero e sexualidade na produção de uma feminilidade nordestina”, foi vencedor da segunda edição do Prêmio Mulher e Igualdade de Gênero, na categoria “Profissional”, e ainda não foi publicado em meio impresso ou eletrônico. Ambos, Seminário e Prêmio, foram promovidos pela Secretaria de Estado da Inclusão, Assistência e do Desenvolvimento Social do Governo de Sergipe.

² Professor Assistente II da UFS, Doutorando da FaE/UFMG, Membro do GECC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas) da UFMG e Bolsista do Prodoutoral/CAPES.

trabalham como pedreiros, pedintes ou batedores de carteira”. “Gente gananciosa, sem princípios, sem educação, suja, porca, traíra e invasora”. “Se eles não fossem do jeito que são, não teria problema”.

Os diferentes comentários supracitados foram todos retirados de uma única comunidade³ do Orkut. Como esta, existem várias outras, além de inúmeros usuários (autênticos ou “fakes”) que se reportam ao Nordeste e a nordestinos/as em nome de supostas características típicas, de um problemático “jeito de ser”, de uma presumida identidade. Mas se o Orkut não ensina apenas estereótipos⁴, ele também não é o único artefato cultural a disponibilizar significados acerca daquela região geográfica e de seus habitantes. Diferentes instâncias culturais têm ajudado a compor aquilo que Albuquerque Júnior (2006) denomina de “a invenção do Nordeste”. Para esse autor, determinadas demarcações discursivas têm, historicamente, contribuído para a materialização de uma idéia de Nordeste, “sua geografia”, “sua história”, “seu povo”, “seus costumes”.

Fundamentada nas teorias pós-críticas⁵ da educação, a presente pesquisa partiu do pressuposto de que textos divulgados em artefatos culturais tão diversos quanto Orkut, blogs, obras literárias, novelas, músicas, propagandas, jornais, livros, revistas, etc., terminam por incorporar e produzir significados, saberes e valores que concorrem para processos de subjetivação. Em face disso, o trabalho foi guiado por algumas questões: o que é possível aprender sobre saúde da mulher ao se ler uma obra literária? O que conta como saudável e como doentio quando, mais especificamente, a obra trata da vida de uma nordestina? E quando esta nordestina é apresentada como uma monstra⁶, quais conexões se estabelecem entre corpo, gênero e sexualidade? Reconhecendo que discursos sobre uma suposta “nordestinidade” vêm trabalhando de modo performático⁷ ao demarcar aquilo que é e o que não é “do Nordeste”, incluindo

³ Disponível em: < <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=93429506>> Acesso em: 09 dez. 09.

⁴ Os ensinamentos disponibilizados pelo currículo do Orkut são diversificados e estrategicamente calculados, investindo sobre inúmeras temáticas e sendo endereçados a públicos variados, notadamente ao público jovem (SALES e PARAÍSO, 2009; SALES, 2008; ESPÍRITO SANTO e PARAÍSO, 2007).

⁵ “Pós-críticas” designa aqui o resultado da influência do pós-modernismo, do pós-estruturalismo e das filosofias da diferença, bem como dos estudos culturais, pós-colonialistas, pós-marxistas, multiculturalistas, ecológicos, étnicos e dos estudos feministas e de gênero sobre teorizações, pesquisas e práticas no campo educacional. Para um melhor detalhamento acerca de tais influências, conferir os trabalhos de Paraíso (2004) e de Corazza (2001).

⁶ Os monstros são “representações convenientes de outras culturas, generalizados e demonizados para impor uma concepção estrita da mesmice grupal” (COHEN, 2000, p. 46). Monstros não têm sexo, mas seres sexuados como homens e mulheres podem ser “monstrificados”, podem entrar em “monstrificação”, ou seja, podem ser significados, forjados e subjetivados como monstruosos.

⁷ A performatividade é aqui compreendida como uma “prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 2007, p. 154).

diferentes representações da/o nordestina/o, o objetivo aqui foi analisar as potencialidades de uma obra literária sobre a produção de subjetividades nordestinas monstruosas.

Para tanto, a análise incidiu sobre fragmentos discursivos extraídos do livro “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, adotando elementos de perspectivas metodológicas inspiradas nas análises foucaultianas que focalizam o discurso, entendido este como prática produtora de formas de sujeição e de esquemas de conhecimento (FOUCAULT, 2001). O argumento é o de que a referida obra concorre para a produção de subjetividades nordestinas monstruosas. Nela, essas monstruosidades nordestinas são criadas por meio de uma articulação da abjeção em torno do corpo, da performatividade de gênero⁸ e do uso dos desejos e prazeres sexuais. O corpo da nordestina Macabéa aparece como faminto, frágil, doente e asqueroso. Como mulher, a personagem assume uma feminilidade em constante negociação, entre um modelo hegemônico de “mulher exemplar” e um perfil de “mulher imprópria” e em confronto com a masculinidade de seu namorado. Em conexão com essa feminilidade cambiante, a sexualidade da personagem nordestina constrói-se pela representação de uma sensualidade virgem e latente, porém silenciada, mal-cuidada e desconhecida e, portanto, preterida pelo cabra-macho.

Neste trabalho, seguindo os rastros daquelas problematizações mais afinadas com os estudos feministas, tal como apresentadas por Haraway (1995), procuro exercitar uma aprendizagem acerca de “como vincular o objetivo aos nossos instrumentos teóricos e políticos de modo a nomear onde estamos e onde não estamos” (1995, p. 21). É que como nordestino, sei que “o agenciamento é criado através de situações e posições” (SCOTT, 1999, p. 42) que são conferidas a um sujeito. Quando me nomeio (ou me nomeiam) “nordestino”, há uma série de expectativas a respeito de uma determinada experiência, de modos de ser, de pensar e de agir, construídos discursivamente. Dessa forma, parto da idéia de que os discursos sobre diferentes corpos não apenas os descrevem, mas terminam por habitá-los: “os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (BUTLER, 2002, p. 163). Entendo que ser nordestina/o, sentir-se nordestina/o, ser visto ou categorizado como

⁸ “Gênero” é aqui entendido, tal como em Louro (2007a), como um conceito que diz respeito às múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e feminilidades.

nordestina/o faz parte de uma prática regulatória que, de maneira performática, produz corpos⁹ para que sejam governados¹⁰. Portanto, meu envolvimento com este trabalho é também político, no sentido de significar um artefato cultural específico como passível de conexão a outros discursos que disponibilizam determinadas posições de sujeito. Assim, tendo pretensões de objetividade como “um problema da política de redefinição de fronteiras, de maneira a permitir conversas e conexões não inocentes” (HARAWAY, 1995, p. 11), me responsabilizo pelas conexões que aqui procuro estabelecer¹¹, desde o recorte analítico a que me proponho até o estilo de linguagem (por vezes, irônico) que adoto para tanto.

CULTURA DA MÍDIA, ABJEÇÕES E MONSTRUOSIDADES

Os diferentes artefatos culturais a que temos acesso na contemporaneidade nos envolvem através de diferentes recursos, símbolos, sentimentos, sentidos, emoções e mitos. Há uma verdadeira “cultura da mídia” constituída por sistemas televisivos e radiofônicos, pelo cinema, pela internet, por livros, jornais, revistas, músicas e CD’s e demais instrumentos de disseminação de informação. Mais que informação, no entanto, a cultura veiculada pela mídia “fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas” (KELLNER, 2001, p. 9). A cultura da mídia nos ensina. A todo momento, um grande aparato midiático nos fornece os significados e o material com os quais aprendemos a construir nosso “senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’” (idem, *ibidem*).

Os significados criados por todos esses artefatos culturais concorrem para a subjetivação do seu público – em termos “daquilo que os humanos são capacitados a fazer por meio das formas pelas quais eles são maquinados ou compostos” (ROSE,

⁹ Braidotti (*apud* ROSE, 2001, p. 200) lembra que “corpo” não deve ser compreendido como categoria restrita ao natural ou ao social, mas como um cruzamento entre “o físico, o simbólico e as condições sociais materiais”.

¹⁰ “Governo” não é aqui entendido em termos dos aparatos políticos de Estado, não é a “expressão uniforme ou unipotente de uma vontade política soberana” (HUNTER, 2000, p. 162). Na acepção foucaultiana de governo como “conduta da conduta”, tal como posto neste trabalho, governar é “estruturar o possível campo de ação dos outros” (FOUCAULT, 1995).

¹¹ A intenção aqui, vale ressaltar, não é uma tentativa (que se mostraria bastante arriscada e pouco profícua) de valorizar positiva ou negativamente a obra de Clarice Lispector. Trata-se de empreender um exercício analítico acerca de como “A Hora da Estrela” funciona dentro de uma maquinaria discursiva e acopla-se a todo um “estoque de imagens e de enunciados” que ao longo do século XX foi sendo gestado a respeito do masculino e do feminino no Nordeste (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, 2006, 2007, 2008), independentemente dos questionamentos que poderiam ser levantados sobre se a escritora teria estado consciente ou não da possibilidade de os elementos escolhidos para a narrativa concorrerem para a reprodução de estereótipos relativamente ao homem e à mulher nordestinos.

2001, p. 166) –, engendrando a fabricação dos mais diferentes modos de ser sujeito. Aqui, trabalho na perspectiva foucaultiana de que o sujeito é aquilo que dele se diz. O sujeito se constitui como efeito de práticas lingüísticas e discursivas¹². Isso corresponde a um descentramento de tal forma que a subjetividade não pode mais ser pensada em termos de homogeneidades, unificações, estabilidade e segurança.

A subjetividade, portanto, deixa de ser entendida como “aquele lugar seguro e estável que a ‘teoria do sujeito’ nos levou a crer” (SILVA, 2000, p. 19) para ser pensada “como socialmente construída, como dialógica, como inscrita na superfície do corpo, (...) como resultado de práticas episódicas de auto-exposição, em locais e épocas particulares” (ROSE, 2001, p. 140-141). Ao significá-la dessa forma, torna-se possível investigar as diferentes esferas nas quais somos transformados em sujeitos de determinado tipo. Como artifício da linguagem, a subjetividade é permeável, dividida, fragmentada: é nos cruzamentos de suas fronteiras que podem ser visualizadas abjeções e monstruosidades.

Judith Butler é uma das estudiosas que trata do problema da abjeção dos corpos. Para Butler (2002), abjetos são os corpos cuja materialidade é considerada como não importante. Viver com um corpo abjeto é viver “nas regiões sombrias da ontologia” (BUTLER, 2002, p. 157). Macabéa, personagem principal¹³ de “A Hora da Estrela”, é um corpo envolvido na produção do abjeto. Ela mesma “sente” os efeitos de sua abjeção em contraste com os “corpos demasiadamente humanos” com os quais se depara ao longo da narrativa aqui em questão. E é partindo dessa idéia de contraste entre um eu “tranquilo” e seu exterior constitutivo, entre o medo e a atração, que Julia Kristeva define a abjeção como “aquilo que não respeita fronteiras, posições, regras” (KRISTEVA apud DONALD, 2000, p. 125). O abjeto tem a ver com questionamento, ameaça e ambigüidade, com o colapso daquilo que era tomado como único possível, tolerável, assimilável, com aquilo que está dentro de nossas fronteiras e com aquilo que delas escapa, nos deixando nervosos/as.

A abjeção produz monstros. Classificar o diferente, torná-lo distante e colocá-lo

¹² Para Foucault, um discurso constitui “um campo de regularidade para as diversas posições de subjetividade” (FOUCAULT, 2005, p. 61).

¹³ Evitarei, aqui, me aprofundar na discussão sobre a legitimidade de assumir ou não que Macabéa seria a única ou dividiria com Rodrigo S. M. o título de “personagem central” da trama em questão. Mesmo considerando esse tipo de discussão pertinente do ponto de vista literário, estou aqui compreendendo Rodrigo S. M. como narrador-observador da trama, que não participa da mesma, ainda que as distinções entre ele, Clarice Lispector e Macabéa não sejam fáceis de resolver. Macabéa, portanto, como personagem-principal, dividiria a narrativa com as demais personagens (Olimpico, Glória, o chefe Raimundo Silveira, etc.).

numa posição hierárquica de inferioridade beira a produção de monstruosidades. Um monstro é um fragmento abjeto (COHEN, 2000). Se “qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso” (COHEN, 2000, p. 32), a diferença monstruosa produzida pela abjeção “tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual” (idem, ibidem). Nascidos das encruzilhadas da subjetividade, os monstros dizem respeito a deslocamentos, limiaridades, diferenças. As culturas engendram monstros e é no interior de uma “intrincada matriz de relações (sociais, culturais e lítero-históricas)” que eles devem ser analisados (idem, p. 28). Sendo híbridos, perturbadores, perigosos, os monstros não são facilmente categorizáveis. Sua interpretação dispensa binarismos para exigir um trabalho “que deve se contentar com fragmentos (pegadas, ossos, talismãs, dentes, sombras, relances obscurecidos – significantes de passagens monstruosas que estão no lugar do corpo monstruoso em si)” (idem, p. 30).

Neste trabalho, entendo que os discursos não são meras interseções entre palavras e coisas, mas práticas que instituem algo ao falarem dele mesmo (FOUCAULT, 2005). Por conseguinte, meu objetivo e meu argumento giram em torno da significação de uma obra literária específica como produtora de um tipo de experiência¹⁴. Conforme muito bem destacado por Butler, nossas vidas são vividas por meio de textos, “seja qual for sua forma ou meio, essas histórias nos formaram a nós todas; são o que precisamos usar para criar novas ficções, novas narrativas” (2002, p. 157). Seguindo a trilha aberta por essas/es estudiosas/os, entendo que são exatamente as questões evitadas sobre como se constituem determinadas posições de sujeito que deveríamos buscar historicizar e problematizar. A seguir, uso fragmentos de “A Hora da Estrela” no intuito de compreender como sua narrativa disponibiliza posições de sujeito e ajuda a constituir uma visão particular sobre a experiência de ser nordestino/a.

MACABÉA: UMA MONSTRINHA NORDESTINA

A representação do Nordeste como uma região de miséria, seca, fome e outras mazelas não é recente. Na esteira dessas representações, aos habitantes dessa região

¹⁴ “Experiência” aqui será tomada como um evento histórico e lingüístico conectado a significados estabelecidos discursivamente. Nas palavras de Scott, “a experiência é coletiva assim como individual. Experiência é uma história do sujeito” (1999, p. 42).

normalmente são atribuídos estereótipos¹⁵ frequentemente ligados à pobreza. Macabéa é uma mulher nordestina e pobre. E monstruosa. A pobreza também fomenta monstruosidades. Macabéa ganhava menos que o salário mínimo (HE, p. 45)¹⁶. Desde sua infância, a qual foi sem bola nem boneca (HE, p. 33), vinham sendo traçadas possíveis linhas que definiriam sua monstruosidade. Quando pequena soube que havia comido gato frito (HE, p. 39), o que lhe rendeu, desde então, eventuais enjôos para comer. Seu corpo não funcionava bem.

Aliás, seu corpo era um caso nada à parte de sua monstruosidade. Alucinava-se ao pensar em coxa de vaca e seu remédio, para isso, era mastigar papel bem mastigadinho e engolir (HE, p. 31). Talvez, por ser tão pobre a ponto de precisar comer papel para enganar sua fome, Macabéa tivesse um corpo cariado (HE, p. 35). O que viria a ser um corpo cariado? Muito mais que uma brutalidade pior que qualquer palavrão (HE, p. 35), o corpo ganha estranha materialidade em Macabéa. Ao comer um ovo-duro-de-botequim, sentia dores do lado esquerdo oposto ao fígado (HE, p. 34): teria Macabéa um corpo cariado¹⁷ corroído por sua ignorância quanto às canonizações da Anatomia Humana ou pela mais concreta disfunção fisiológica? Ou seu corpo seria cariado porquê trabalhava até a estafa (HE, p. 14)? Como monstro, Macabéa não poderia dar a seu corpo um fardo menos pesado. Monstros podem ter super-poderes. Monstros beiram o fantástico e o sublime, seus corpos envolvem incerteza e vertigem (DONALD, 2000).

O corpo monstruoso de Macabéa teria solução? Se é que alguma solução lhe caberia, ela poderia fazer uso dele como o faz uma “mulher de vida fácil”, por exemplo. Ela, que mal tem corpo para vender (HE, p. 13). Para isso, contra sua abjeção, seu corpo precisaria ser educado para não continuar a ser desprezível por todos (HE, p. 16). De tão desprezível, esse corpo ganhou/incitou uma história que, mesmo sendo sobre ele, não é por causa dele, mas por motivo grave de “força maior” (HE, p. 18).

¹⁵ A respeito da arrogância da estereotipização do Nordeste e dos/as nordestinos/as, Albuquerque Júnior (2006, p. 20) ressalta que o estereótipo “nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo”.

¹⁶ No intuito de facilitar a leitura deste trabalho e as discussões sobre os excertos de “A Hora da Estrela”, estarei abreviando o título da obra por “HE” e indicando as páginas onde se encontram os respectivos trechos que estiverem sendo analisados.

¹⁷ A expressão “corpo cariado” se aproxima bastante da idéia de um “corpo monstruoso”. Um corpo monstruoso “é, ao mesmo tempo, corpóreo e incorpóreo; sua ameaça é sua propensão a mudar” (COHEN, 2000, p. 28). O corpo de Macabéa é monstruoso: come papel, come ovo-duro-de-botequim, é cariado, trabalha até a estafa, sente dores onde não deve sentir.

Portanto, seria preciso “desabjetar”¹⁸ Macabéa. Nesse sentido, a educação de seu corpo poderia começar por lhe dar um bom banho, afinal ela era encardida e seu cheiro era murrinhento (HE, p. 27), pois tinha um suor que cheirava mal (HE, p. 31).

A educação destinada a Macabéa também deveria cuidar de sua alimentação (educação incluiria, também, cuidado? Quem educaria essa nordestina? Uma professora dedicada, gentil e amável? Uma enfermeira abnegada e forte? Ou uma equipe multidisciplinar – de preferência, composta por mulheres e chefiada por um homem – capaz de domar sua monstruosidade?). Pobre já nasce como corpo monstruoso, não sabe sequer comer. Macabéa teimava em tomar um gole frio de café antes de dormir: pagava o luxo tendo azia ao acordar (HE, p. 33). Com uma educação alimentar, a nordestinazinha talvez deixasse de ser raquítica, característica que carregava como herança do sertão (HE, p. 28). Com uma educação alimentar, o corpo dessa monstrix nordestina talvez se curasse do acesso de tosse seca de madrugada e do resfriado que tinha havia quase um ano (HE, p. 31), de dormir de boca aberta, com nariz entupido num sono pesado (HE, p. 24). Com uma educação¹⁹ assim, talvez seu corpo cariado por manchas bastante suspeitas de sangue pálido (HE, p. 24) e panos que tinha em seu rosto (HE, p. 27) ficasse até mais atraente.

Atraente? Caberia essa palavra a uma monstra nordestina que nem pobreza enfeitada tem (HE, p. 21)? Aliás, por que “monstra” e não “monstro”? Monstros podem ser homens, mulheres, gays ou lésbicas? Ou melhor, poderia denominar como “monstra” um ser a quem o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação (HE, p. 28)? Macabéa bem que poderia ser uma transexual, pois nunca se viu nua porque tinha vergonha (HE, p. 22) de sua própria nudez. Ou seria ela uma drag-queen ou travesti doida por soldado, pensando com estremecimento de prazer: será que ele vai me matar? (HE, p. 35)? Não. Penso mesmo que Macabéa era uma mulher, e daquelas que assumem uma feminilidade hegemônica: uma mulher (nordestina, “para piorar”) facilmente substituível, que pouco se queixa e que não reclama por não saber a quem (HE, p. 14). Afinal, “mulher de verdade” é silenciosa e não sabe decidir nada

¹⁸ Com “desabjetar” quero enfatizar o caráter arbitrário da abjeção, o aspecto da “produção do abjeto” (BUTLER, 2002). Se a abjeção tem uma vida discursiva, se é produzida no terreno da cultura e em meio a relações de poder, então igualmente podemos desconstruí-la, colocar o abjeto em outro domínio discursivo e, no sentido dessa desconstrução, práticas educativas podem constituir importantes estratégias.

¹⁹ A respeito das expressivas marcas que a educação (sobretudo, a educação escolar) deixa e pode deixar sobre um corpo, ensinando a usá-lo de determinada forma, ver o trabalho de Louro (2007b). Para essa autora, um corpo escolarizado é disciplinado, adestrado e habilitado de tal forma que as sugestões, imposições e interdições que lhes são oferecidas pela escola “constituem parte significativa das histórias pessoais” (LOURO, 2007b, p. 21) dos/as estudantes.

sozinha: precisa sempre de um homem inteligente (ora, mas que pleonasmo²⁰) e bonito (como o que viu certa vez em um botequim, que de tão belo, queria tê-lo em casa [HE, p. 41]) para guiá-la em decisões cujo mérito não lhe cabem.

Macabéa é mesmo uma mulher (nordestina, não esqueça!) “exemplar”: não cobiçou um bombom oferecido por Madama Carlota, pois aprendera que as coisas são dos outros (HE, p. 73); nunca quebrava seus hábitos, tinha medo de inventar (HE, p. 49); tinha uma letra linda (HE, p. 40). Bem poderia ser uma professora²¹! Nunca perdera a fé (HE, p. 26), era doce e obediente (HE, p. 26), sabia muita coisa (HE, p. 29), sabia datilografar, carregar em costas de formiga um grão de açúcar (HE, p. 26), falar cerimoniosamente e era dona de uma delicadeza...ainda que inesperada (HE, p. 25).

Mas só Rodrigo S. M. a via como encantadora (HE, p. 27). Apesar de sua generosa benevolência relativa à delicada e vaga existência (HE, p. 15) de Macabéa, ele mesmo sentia impaciência (HE, p. 16) com relação a essa mulher nem tanto exemplar. É que como uma boa mulher-monstro-nordestina, Macabéa incomodava: era um dos vários tipos de “mulher imprópria” aos quais se refere Butler (2002). Nem mesmo Olímpico de Jesus Moreira Chaves, a primeira espécie de namorado de sua vida (HE, p. 43), parecia ver nela algo que não fosse merecedor de abjeção: você não tem solução (HE, p. 49), disse ele àquela que sequer sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro (HE, p. 27).

Mas como uma mulher que não faz falta a ninguém (HE, p. 13) era capaz de incomodar tanto? Ora, se a única e simples coisa que a nordestinazinha queria era viver: acontecesse o que fosse ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz (HE, p. 27). Ela apenas uma vez teve a tolice de se perguntar “quem sou eu?” (HE, p. 15). Como uma “mulher à moda antiga”, Macabéa achava que cairia em grave castigo e até risco de morrer se tivesse gosto (HE, p. 32). Nesse sentido, Macabéa “volta” a ser mulher bem feminina, das mais exemplares. Tão “feminina” que tinha um rosto que

²⁰ Assumir como natural uma suposta superioridade masculina em termos de inteligência constitui um problema que perpassa os mais variados contextos e instituições sociais, atingindo inclusive as práticas escolares. Walkerdine (1995), pesquisando sobre meninas e a disciplina de Matemática, dá um instigante exemplo sobre as armadilhas da linguagem na produção das diferenças de gênero. Em seu trabalho, a autora relata que quando meninas quebravam a expectativa tradicional de que se sairiam pior em Matemática com relação aos meninos, havia “justificativas” distintas para tanto. Professores e professoras apontavam como “esforçada” uma menina que estava com o melhor nível da turma, enquanto que o adjetivo “brilhante” era reservado a um menino muito inquieto, mas que não deixava de ser inteligente.

²¹ No processo de feminização do magistério brasileiro engendrado a partir de meados do século XIX, o casamento e a maternidade combinam-se a atributos tradicionalmente atribuídos ao universo feminino (amor, sensibilidade, altruísmo, etc.) para construir representações de mulheres professoras como “mães espirituais” e o magistério como “uma atividade que implica doação, dedicação, amor, vigilância” (LOURO, 2007a, p. 104).

pedia tapa (HE, p. 25). Procurou até assunto diferente para agradar a seu namorado: indagou sobre “mimetismo”. Mas como saber demais é proibido para as mulheres exemplares, Olímpico lhe interdito perguntando se aquilo era coisa para moça virgem falar (HE, p. 55)²². É que toda mulher, mesmo calada, ainda está errada. E já que tinha um rosto que pedia tapa, era melhor ficar calada, pois Olímpico era um macho de briga (HE, p. 57), talvez de brigar até mesmo com a pálida e mortal (HE, p. 33) Macabéa.

Como um autêntico “cabra-macho” nordestino, Olímpico bem que poderia formar um par perfeito com a quase sempre feminina (e também nordestina) Macabéa. Lampião e Maria Bonita repaginados. Ela, apesar de virgem e inócua (HE, p. 13), pintava de vermelho grosseiramente escarlate as unhas das mãos (HE, p. 36), era sensual e não sabia que em seu corpo cabia tanta lascívia (HE, p. 61)²³, tinha sensibilidade, pois adivinhava talvez que havia outros modos de sentir (HE, p. 51) e não dava nenhuma despesa a Olímpico (HE, p. 54). Quanto a ele, gostava de ver sangue (HE, p. 46), de se vingar (HE, p. 47), sabia como pegar mulher (HE, p. 44), era um verdadeiro técnico em roubar (HE, p. 50), enquanto meter a faca na carne o excitava (HE, p. 53). Mas não formaram um par perfeito porque Olímpico na verdade não mostrava satisfação nenhuma em namorar Macabéa (HE, p. 59).

Olímpico preferiu a colega de trabalho de Macabéa, Glória, até porque ficar só com uma mulher não é coisa de macho. Além disso, enquanto Glória era material de primeira qualidade (HE, p. 60) e despertava desejo, a nordestina tinha uma sensualidade diferente, duvidosa, como ele mesmo atestou a ela: você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer (HE, p. 60). A sensualidade de Macabéa, perante àquilo que atrairia Olímpico, se aproximava, assim, da mais pura abjeção, nos termos em que Julia Kristeva define esta última: “uma dessas violentas e obscuras rebeliões do ser contra aquilo que o ameaça e que parece vir de um fora ou de um dentro exorbitante” (KRISTEVA apud COHEN, 2000, p. 53). Talvez, Olímpico tenha “descoberto” na nordestina uma monstruosidade latente: ela tinha óvulos tão murchos (HE, p. 33), ovários igualmente murchos como um cogumelo cozido, que dessa vaca

²² Ser virgem, aqui, aparece como “justificativa” para uma interdição. Macabéa não pode falar determinadas coisas pelo fato de ser virgem. Sua virgindade é usada para regular sua própria vida: determinadas atitudes não cabem a uma moça virgem. Esse tipo de interdição ilustra bem as palavras de Butler (2007) ao se referir ao “sexo” como um ideal regulatório demarcado no discurso, discurso esse igualmente produtor de um domínio do “sexo” excluído, deslegitimado, abjeto.

²³ Com relação ao desconhecimento de Macabéa acerca de sua própria sensualidade, é importante destacar a observação de Louro (2007b) de que a forma com que vivenciamos e construímos nossa sexualidade constitui nossa própria existência, mesmo dentre aqueles/as que não a experimentam diretamente.

não sai leite (HE, p. 54). Talvez faltasse em Macabéa uma forma de despertar desejo num machão como Olímpico, assim como faltava-lhe o jeito de se ajeitar (HE, p. 24): certo tipo de sensualidade lhe faltava assim como havia uma ausência que tinha de si em si mesma (HE, p. 24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Doida mansa (HE, p. 38). Capim (HE, p. 31). Figura antiga, bíblica (HE, p. 31). Vampira (HE, p. 26). Filha-de-não-sei-o-quê (HE, p. 27). Macabéa é uma monstra. Como se não fossem suficientes os adjetivos que demarcam sua diferença perturbadora, sua efêmera – porém intensa – “passagem pela vida” é de difícil e polêmica compreensão, impossível de capturar precisamente. Porém, é possível perceber que nos rastros da abjeção em torno do corpo, gênero e sexualidade, é que caminha sua monstruosidade.

O posicionamento de Macabéa – uma nordestina – como monstruosa é algo problemático. Historicamente, vários outros discursos têm produzido experiências abjetas para as/os nordestinas/os. Famintas/os, caipiras, desajustadas/os, incompetentes: apenas alguns dos adjetivos que têm feito parte da estereotipização da/o nordestina/o como abjeto. Macabéa, antes de ser uma espécie de “protesto” ou “contestação” (tal como a leitura de “A Hora da Estrela” permitiria imaginar) contra atrocidades a que se assujeitam milhares de mulheres (nordestinas ou não), está conectada a uma construção discursiva anterior sobre o Nordeste e as/os nordestinas/os. E se a experiência de ser nordestina/o é constituída discursivamente, Macabéa é mais um monstro que vem somar-se às particulares posições de sujeito que vêm sendo atribuídas a uma suposta “identidade nordestina”.

Em nome desta tal identidade e em conexão com outros tipos de identificações, muitas macabéas, marias, conceições e muitos cíceros, raimundos e severinos são, a todo momento, abjetados, excluídos, ridicularizados, interditados através dos mais diferentes espaços sociais. É preciso atentar para as diferentes instâncias culturais que a todo momento investem sobre a produção e reiteração de narrativas acerca do Nordeste e dos/as nordestinos/as, bem como possibilitar meios de enriquecimento das experiências culturais de homens e mulheres hoje presos/as às sutis crueldades de

uma certa nordestinidade. Enquanto isso, outros/as nordestinos/as, gaúchas/os, mineiras/os, paraenses, enfim, inúmeras pessoas sujeitas a variados tipos de estereotipizações, se recusam a exercer os papéis que lhes são delegados pela arrogância que quer homogeneizar a diferença, ao mesmo tempo em que trabalham para um mundo menos excludente.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **Nordestino: invenção do falo - uma história do gênero masculino** (Nordeste -1920/1940). Maceió: Catavento, 2003. 256 p.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2006. 340 p.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007. 135 p.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **Nos destinos de fronteira: ória, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008. 514 p.

BUTLER, Judith. **Como os corpos se tornam matéria**. Estudos Feministas, Florianópolis, ano 10, n. 1, p. 155-167, 2002.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 151-172.

COHEN, Jeffrey Jerome. **A cultura dos monstros: sete teses**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros: prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 23-60.

CORAZZA, Sandra. **O que faz gaguejar a linguagem da escola**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 89-103.

DONALD, James. **Cheios de si, cheios de medo: os cidadãos como ciborgues**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros: prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 89-104.

DONALD, James. **Pedagogia dos monstros: o que está em jogo nos filmes de vampiro?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros: prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 105-140.

ESPÍRITO SANTO, Shirlei R. S. do e PARAÍSO, Marlucy A. **Juventude monstruosa: subjetividade e sexualidade no currículo do orkut**. *Currículo sem Fronteiras*, v. 7, n. 2, p. 148-157, 2007.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 14. ed. Rio de

Janeiro: Graal, 2001. 152 p.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. 236 p.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, Campinas, ano 5, p. 07-41, 1995.

HUNTER, Ian. **Subjetividade e governo**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros: prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 141-163.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001. 454 p.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 87 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007a. 179 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007b, p. 07-34.

PARAÍSO, Marlucy A. **Pesquisas Pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 34, n. 122, p. 283-303, 2004.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos eus**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 137-204.

SALES, Shirlei R. **O jovem macho e a jovem difícil: sexualidade, subjetividade e governo no discurso curricular**. In: 3º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero - Redações e artigos científicos vencedores - 2008. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008, p. 56-78.

SALES, Shirlei R. e **PARAÍSO**, Marlucy A. **Escola e Orkut conectados**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 15, p. 73-77, 2009.

SCOTT, Joan. **Experiência**. In: SILVA, Alcione; LAGO, Mara; RAMOS, Tânia (Orgs.). **Falas de gênero: teorias, análises, leituras**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999, p. 21-55.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros: prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 11-21.

WALKERDINE, Valerie. **O raciocínio em tempos pós-modernos**. Educação & Realidade, Porto Alegre, n. 20, v.2, p. 207-226, 1995.